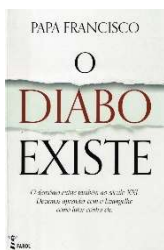


## O FASCÍNIO DA MENTIRA (pp. 131-135)



Existe um «vírus» poderoso e perigoso que nos ameaça, mas há também um Pai «que nos ama muito» e nos protege. A sedução sorrateira da hipocrisia (homilia da missa celebrada na Capela de Santa Marta, sexta-feira, dia 16 de outubro).

A referência evangélica foi proposta pela leitura do dia:

«Entretanto, a multidão tinha-se reunido; eram milhares, a ponto de se pisarem uns aos outros. Jesus começou a dizer primeiramente aos seus discípulos: «Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem oculto que não venha a conhecer-se. Porque tudo quanto tiverdes dito nas trevas há-de ouvir-se em plena luz, e o que tiverdes dito ao ouvido, em lugares retirados, será proclamado sobre os terraços. Digo-vos a vós, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e, depois, nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temeí aquele que, depois de matar, tem o poder de lançar na Geena. Sim, Eu vo-lo digo, a esse é que deveis temer. Não se vendem cinco pássaros por duas pequeninas moedas? Contudo, nenhum deles passa despercebido diante de Deus» (Lc, 12,1-7)

Jesus dirige-se «aos discípulos» No meio de uma grande multidão «fala-lhes de algo pequeníssimo: do fermento». Diz-lhes: «Guardai-vos do fermento dos fariseus» - parece-se que Jesus fala como «um médico» aos seus ajudantes: «Guardai-vos a fim de que toda esta gente não seja contagiada pelo vírus». O «fermento dos fariseus» é «a hipocrisia». A hipocrisia da qual Jesus sempre lhes falou com extrema franqueza, dizendo-lhes «na cara»: «Hipócritas, hipócritas: vós sois hipócritas!»

Mas, em síntese, o que contém este vírus? O Papa explica: «A hipocrisia é o modo de viver, agir, falar não é claro», que se apresenta de maneira ambígua: «Talvez sorria, talvez seja sério ... não é luz, não são trevas». É um pouco como a serpente: «Move-se de modo que parece não ameaçar ninguém» e tem «o fascínio do claro-escuro». Ou seja, a hipocrisia tem o fascínio «de não dizer as coisas claramente; o fascínio da mentira, das aparências». O próprio Jesus acrescenta algumas anotações sobre o comportamento dos «fariseus hipócritas», dizendo que estão «cheios de si próprios, de vaidade», e que gostam de «passar pelas praças» para mostrar que são importantes.

Jesus alerta os discípulos: «Não tenhais medo, não temais: guardai-vos do fermento dos fariseus». Não há nada de oculto que não venha a descobrir-se, nada de escondido que não venha a ser conhecido. Como se dissesse: não serve esconder-se, pois no fim «tudo será claro». E dizia isto «porque o fermento dos fariseus levava o povo a amar mais as trevas que a luz». O apóstolo João frisa-o, quando escreve: «Os homens amaram mais as trevas

que a luz».

Jesus «chama à atenção para a confiança em Deus». Pois se é verdade que «este fermento é um vírus que faz adoecer» e morrer, Jesus avisa: «Atenção! Este fermento leva-te às trevas. Atenção!» Na verdade, existe alguém «maior»: «o Pai que está no Céu». E o Pai é solícito: «Não se vendem cinco pardais por duas moedas? Entretanto, nem um só deles passa despercebido diante d'Ele. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados». Portanto, «Não temais, pois valeis mais que muitos pardais!»

Perante os medos insinuados pelo «vírus», o «fermento da hipocrisia farisaica», Jesus conforta-nos: «Há um Pai, um Pai que vos ama, um Pai que cuida de vós». Diante da «sedução do claro-escuro, da serpente», Jesus acalma-nos: «Tranquilos, o Pai ama-vos, defende-vos. Confiai n'Ele. Não temais estas coisas.» Jesus, «partindo do mais pequenino no meio de tanta gente, chega ao maior, ao Pai que cuida de tudo, até dos mais pequeninos, para que não adoeçam, nem sejam contagiados por esta doença.

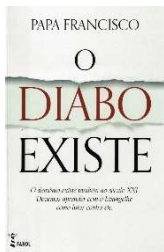
Quando Jesus diz isto, convida-nos a rezar, a orar a fim de não cairmos «nesta atitude farisaica «que não é luz nem trevas», é algo que está a meio caminho e «nunca chegará à luz de Deus». Por isso, «oremos muito». Peçamos ao Senhor: «Preserva a tua Igreja, que somos todos nós: protege o teu povo, aqui reunido em tão grande multidão que se pisam uns aos outros. Conserva o teu povo, para que ame a luz, a luz que vem do Pai, que vem do teu Pai.» Devemos pedir a Deus que tutele o Seu povo «para que não se torne hipócrita, para que não caia na tibieza da vida», para que «tenha a alegria de saber que existe um Pai que nos ama muito».

«Ele foi assassino desde o princípio» (Jo 8, 44). Eis o que significa quereis fazer a vontade do vosso pai; vós tentais matar-me, eu que sou um homem e que vos digo a verdade. O diabo também teve inveja do homem e matou-o. Sendo de facto invejoso do homem, sob a forma de serpente, dirigiu-se à mulher e, através da mulher, envenenou igualmente o homem. Eles morreram por terem escutado o diabo (cf. Gen, 3, 1). E não teriam escutado se tivessem dado ouvidos ao Senhor; o homem, que estava entre Deus que o criou e o anjo caído que o enganou, podia ter obedecido ao Criador, não ao impostor.

O diabo foi assassino desde o princípio. Considerai em que sentido ele era assassino. O diabo é assassino não por se ter apresentado ao homem, mas por ter semeado nele uma palavra perversa que o matou... Ele foi, assassino desde o princípio porque não esteve pela verdade e não estando na verdade, mas não se manteve e caiu. E porque não se manteve na verdade? Porque nele não há verdade. A verdade não está nele, como acontece em Cristo, que é a própria verdade. Se tivesse permanecido na verdade, teria permanecido em Cristo; mas não esteve pela verdade, porque nele não há verdade.

Quando fala mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira [ ... ] Assim sendo, não só mente, mas é o pai da mentira. O diabo não proferiu uma mentira que ouviu dizer a outrem; se assim fosse não seria pai da mentira; mas Ele é pai da mentira porque é mentiroso por si mesmo; foi ele próprio gerou a sua mentira, não a recebeu de outros. (Santo agostinho de Hipona, Comentário ao Evangelho de São João, XLII, 11-13) (pp. 131-135)

## OS TRES DEGRAUS DA SEDUÇÃO (pp. 136-140)



A primeira leitura, tirada do livro do Apocalipse, tem início com uma palavra forte: «Explodiu uma guerra no Céu.» E em seguida é descrita como sendo a guerra final, a última guerra, a guerra do fim. É a guerra entre os anjos de Deus, guiados por São Miguel contra Satanás, a serpente antiga, o diabo.

É a última e nela acaba tudo, permanecendo só a paz eterna do Senhor com todos os Seus filhos que foram fiéis. Mas durante ao longo da História esta guerra é feita diariamente, todos os dias: no coração dos homens e das mulheres, nos corações dos cristãos e dos não-cristãos... É a guerra entre o bem e o mal, na qual devemos escolher o que queremos, o bem ou o mal. Mas os métodos de guerra destes dois inimigos são totalmente opostos.

Na oração inicial, na Coleta, pedimos a graça de ser defendidos pelo Arcanjo Miguel contra as «ciladas» do demónio. Este é um dos métodos do diabo, as ciladas. É um semeador de intrigas, das suas mãos nunca é lançada uma semente de vida, de unidade, sempre de intrigas, ciladas: é o seu método, semear intrigas. Rezemos ao Senhor para que nos proteja disto.

Outro método de nos fazer a guerra, ouvimo-lo na primeira leitura. Satanás que seduz: é um sedutor, semeia intrigas, e é um sedutor, seduz com o fascínio demoníaco, leva-te a acreditar em tudo. Ele sabe vender com este fascínio, vende bem, mas no final paga mal! É o seu método! Pensemos na primeira vez que ele aparece no Evangelho, é num diálogo com Jesus, que estava a orar e jejuar no deserto por quarenta dias e já estava cansado e com fome. Satanás vem, movendo-se lentamente como uma serpente, e faz algumas propostas a Jesus: «Se és Deus, o Filho de Deus, e tens fome, transforma as pedras em pão»; «Se és o Filho de Deus, porque te cansas? Vem comigo ao terraço do templo e lança-te. Verão este milagre e sem dificuldades serás reconhecido como o Filho de Deus»; o diabo tenta seduzi-lo e, no final, como não consegue, diz a última: «Falemos claro: dou-Te todo o poder do mundo, mas Tu adorarás a mim. Façamos este pacto».

Os três degraus do método da serpente antiga: primeiro, possuir coisas, neste caso o pão, as riquezas que te levam lentamente à corrupção, e isto não é uma fábula!

Encontramos a corrupção em todos os lugares. Por poucas moedas muitas pessoas vendem a alma, a felicidade, a vida, vendem tudo. É o primeiro degrau: dinheiro e riquezas. Depois, quando os obtêm, sentem-se importantes; segundo degrau: a vaidade. O que o diabo disse a Jesus: «Vamos ao terraço do templo, lança-te abaixo, dás o grande espetáculo!» Viver para a vaidade. O terceiro degrau: o poder, o orgulho, a soberba: «Dou-te todo o poder do mundo, serás tu a comandar.»

Isto acontece também a nós, sempre, em certas situações: demasiadamente apegados às riquezas, sentimos prazer quando nos elogiam, como um pavão. Muitas pessoas tornam-se ridículas. A vaidade torna-as ridículas. Ou, quando têm poder, sentem-se Deus, e este é o grande pecado. Esta é a nossa luta, por isso hoje peçamos ao Senhor que pela intercessão do Arcanjo Miguel sejamos defendidos das ciladas, do fascínio, das seduções dessa serpente antiga que se chama Satanás.

Vós, que trabalhais, tendes um trabalho um pouco difícil, no qual sempre há contrastes e deveis pôr as coisas no devido lugar e evitar muitas vezes infrações ou delitos. Rezai muito para que o Senhor, com a intercessão de São Miguel Arcanjo, vos defenda de todas as tentações, de cada tentação de corrupção pelo dinheiro, pelas riquezas, de vaidade e de soberba. E quanto mais humilde, como Jesus, for o vosso serviço, mais fecundo e útil será para todos nós.

A humildade de Jesus. Como vemos a humildade de Jesus? Se lemos à narração da tentação de Jesus não encontramos nem sequer uma palavra Sua. Jesus não responde com palavras próprias, mas com palavras da Escritura, as três vezes. É isto que nos ensina: com o diabo não podemos dialogar, e ajuda-nos muito, quando vem a tentação: contigo não falo, só a Palavra do Senhor. O Senhor nos ajude nesta luta de todos os dias, mas não por nós, é uma luta pelo serviço, porque sois homens e mulheres de serviço: à sociedade, aos outros, para fazer crescer a bondade no mundo. (Papa Francisco, *Homilia da Missa para a Gendarmaria do Vaticano*, 3 de outubro de 2015)

Santo Agostino diz:

Eis, portanto, as três ânsias: toda a cupidez humana é posta em ação pelos desejos da carne, da concupiscência dos olhos e da ambição terrena. O próprio Senhor foi tentado pelo diabo sobre estas três concupiscências ... Foi tentado também na concupiscência dos olhos e solicitado a fazer um milagre, quando o tentador lhe disse: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles sustentar-te-ão nas suas mãos para que não tropeças nalguma pedra». (Mt, 4, 6; cf. Sal, 90, 11). Mas Cristo opôs-se ao tentador. Se tivesse feito aquele milagre, pareceria ter cedido à tentação ou ter-se deixado

arrastar pela curiosidade; mas operou-os, os milagres, quando quis agir como Deus e para curar os doentes. Se tivesse realizado o milagre então, poderia pensar-se que o teria feito apenas com o objetivo de fazer um prodígio. Mas, para que os homens não o houvessem de pensar, escuta bem aquilo que respondeu ao diabo, para que também tu possas repetir as mesmas palavras quando fores assaltado pela mesma tentação. Respondeu, portanto: «Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus!» (Mt, 4, 7). Que é o mesmo que dizer: se fizer isto, tentarei o Senhor. Jesus sugeriu-te as palavras que tu também deves repetir. Quando o inimigo te vier dizer: Que homem és, que cristão és? Que milagres fizeste? Que mortos ressuscitaram com a força das tuas orações? Que saúde devolveste aos doentes? Se fosses um cristão de valor, também, serias capaz de fazer milagres; então tu respondes: «Não tenteis o Senhor, vosso Deus» (Dt, 6, 16). Ou seja: não tentarei Deus, como se apenas fazendo milagres eu pertença a Deus, ao passo que, não os fazendo, não Lhe pertença. [ ... ] Se recordardes estas palavras e as praticardes, não tereis em vós a concupiscência do mundo, não sereis dominado nem pelos desejos da carne, nem pela cupidez dos olhos, nem pela ânsia da ambição. (Santo Agostinho de Hipona, *Comentário à Primeira Carta de São João*, II, 14» (pp. 136-140)